

**GEOGRAFIA URBANA E O ESPAÇO NARRADO: A REALIDADE
MULTICULTURAL DOS ALUNOS DO IFRS - CAMPUS RIO GRANDE**

**URBAN GEOGRAPHY AND THE NARRATED SPACE: THE MULTICULTURAL
REALITY OF STUDENTS AT IFRS – RIO GRANDE CAMPUS**

Recebido em: 05/02/2025

Aceito em: 30/05/2025

Publicado em: 30/06/2025

Rozele Borges Nunes¹ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Vinícius Barcellos Vieira Silveira² 

Universidade Federal de Pelotas

Gabriel da Rosa Gonçalves³ 

Universidade Federal do Rio Grande

Valléria Fagundes Siqueira⁴ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

Resumo: A relação entre sociedade e espaço é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, pois as experiências cotidianas criam vínculos afetivos e memórias com os lugares. Este projeto busca desenvolver práticas de ensino na disciplina de Geografia, considerando a realidade multicultural dos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio no IFRS - Câmpus Rio Grande/RS. A proposta aproxima o conteúdo da disciplina aos contextos familiares e comunitários dos discentes, renovando o conhecimento geográfico. Metodologicamente, baseia-se nos conceitos de espaço geográfico, paisagem, território, região e lugar. Por meio de registros fotográficos, entrevistas e produções audiovisuais, os alunos compartilham experiências e vínculos cotidianos, avançando em uma análise territorial de(s)colonial. Assim, suas trajetórias tornam-se narrativas comunitárias que enriquecem a ciência geográfica e a construção do conhecimento, através de exposições, palestras e oficinas. Ao valorizar a mediação entre teoria e prática com imagens e narrativas, o projeto utiliza os trabalhos dos alunos para construir novas (geo)grafias, abordando múltiplas vivências e práticas culturais. Dessa forma, conecta trajetórias de grupos populares ao ensino, promovendo a compreensão de uma sociedade diversa e plural.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Realidades Multiculturais; Vivências Locais; Narrativas Familiares; Memórias do Trabalho.

Abstract: The relationship between society and space is essential for individual development, as everyday experiences create emotional bonds and memories with places. This project aims to develop teaching practices in the Geography discipline, considering the multicultural reality of students enrolled in technical courses integrated with high school at IFRS – Rio Grande Campus/RS. The proposal connects the subject's content to the students' family and community contexts, renewing geographic knowledge. Methodologically, it is based on the concepts

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e professora de Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Câmpus Rio Grande. Brasil, Rio Grande do Sul, Rio Grande. E-mail: rozele.nunes@riogrande.ifrs.edu.br

² Estudante de Jornalismo; Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Brasil, Rio Grande do Sul, Rio Grande. E-mail: viniciusbarcellosvs@gmail.com

³ Estudante de Geografia Licenciatura; Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Brasil, Rio Grande do Sul, Rio Grande. E-mail: gabrielgonrosa@gmail.com

⁴ Estudante do quarto ano do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Refrigeração e Climatização; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Câmpus Rio Grande. Brasil, Rio Grande do Sul, Rio Grande. E-mail: 11020530@aluno.riogrande.ifrs.edu.br

of geographic space, landscape, territory, region, and place. Through photographic records, interviews, and audiovisual productions, students share everyday experiences and bonds, advancing a (de)colonial territorial analysis. Thus, their trajectories become community narratives that enrich geographic science and knowledge production through exhibitions, lectures, and workshops. By valuing the mediation between theory and practice with images and narratives, the project uses students' work to construct new (geo)graphies, addressing multiple experiences and cultural practices. In this way, it connects the trajectories of popular groups to education, promoting the understanding of a diverse and plural society.

Keywords: Geography Teaching; Multicultural Realities; Local Experiences; Family Narratives; Work Memories.

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica é disciplina fundamental para integrar essa abordagem indissociável, pois se preocupa pelo estudo das relações diversas que ocorrem entre sociedade e o ambiente, ou seja, o espaço é concebido como produto dessas relações e o papel da ciência geográfica é analisar de forma crítica a consequente produção/(re)produção desse espaço pelos grupos humanos, as lógicas de poder, a materialidade social/temporal, novas territorialidades, a divisão social do trabalho, os modos de existência e (re)existência dos segmentos populares e o surgimento das desigualdades socioespaciais.

Milton Santos (1997) reitera que os conceitos ao longo do tempo geográfico vão sendo aprimorados para atender as demandas do presente. Outra possibilidade para interpretar as múltiplas intersecções espaciais é através das categorias que envolvem a configuração territorial e as relações sociais, as quais em conjunto conferem materialidade ao espaço, objeto e ação. O espaço passa a ser interpretado como produto das relações sociais. A proposta atual considera que à Geografia cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que formam o espaço. De acordo com Santos (1997, p. 39), “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. De forma dialética o espaço se transforma continuamente, pois o sistema de ações cria novos objetos e condiciona novos espaços, e por outro lado os objetos condicionam a forma em que essas ações se materializam. Isso significa que os objetos de um determinado período são o resultado das forças produtivas de tempos distintos, constituindo temporalidades assíncronas que compõem a paisagem. Dessa forma, a produção do espaço é social.

De acordo com Massey (2008) o espaço é relacional (permanentemente em construção), contemporâneo, múltiplo e essencialmente social e por isso, político. Dessa forma, o conceito de espaço deve ser imaginado continuamente e para isso precisa ser “arrancado” das concepções que o veem como “morto, estático, fechado e atemporal”. Nesse sentido, é preciso encontrar a importância do espaço “dentro de outro conjunto de ideias onde seja liberada uma paisagem

política mais desafiadora” (Massey, 2008, p. 35). O espaço, nessa abordagem pós-colonial, passa a ser interpretado como esfera do presente e por isso é atravessado pela “possibilidade da existência da multiplicidade”, a qual abarca a esfera das existências plurais que tornam o espaço múltiplo e em constante processo de fazer-se. Dessa maneira, as discussões espaciais abrem possibilidades de diálogos para além do campo teórico, mas que contempla também as transformações do social. A possibilidade de questionar as narrativas ocidentais abre espaço para o caráter diverso e único do tecido social. Com isso, as trajetórias singulares dos diversos lugares, as histórias próprias, suas conexões e assimetrias formam e (trans)formam o espaço a partir dessas relações. A categoria lugar também deve ser compreendida de forma relacional, assim como o espaço, articulada pelas desiguais geografias de poder, implicada diretamente pelos processos de produção contemporâneos, mediadas pelas trajetórias humanas na esfera do vivido.

Nesse sentido, a categoria lugar é produto das inúmeras interseções que ocorrem no espaço, formadas através das interferências de poder que ocorrem em diferentes escalas. É uma consequência das conexões e desconexões, das relações que não foram estabelecidas e são, por consequência, agentes da exclusão. Para Santos (1997), espaço e lugar não podem ser analisados de forma excludente, mas sim como suporte e condição das relações globais. Nessa esfera de trajetórias em processo existem as eventualidades, onde espaço e tempo se integram nos acontecimentos, os lugares são constituídos como locais da multiplicidade, das contradições e dos contrastes temporais. Se o espaço é resultado da multiplicidade deve, segundo Massey (2008) estar vinculado ao reconhecimento do Outro. Entender essa categoria permite dar sentido às experiências cotidianas e de envolvimento singular com o mundo, para neste espaço intervir.

Outro autor que contribui para essa “construção de um pensamento descolonial” é Haesbaert (2021), através da atribuição de sentido dada a categoria território e suas múltiplas facetas. A geografia tradicional se limitou por muito tempo a uma análise reducionista das relações espaciais negligenciando a esfera do vivido, a proposta para um “giro espacial/territorial” se assenta na interligação de conexões entre pares considerados opostos como o material e imaterial, o tempo e o espaço, global e local. Dessa forma espaço e tempo são definidos como construções sociais, culturalmente definidos, no qual precisam ser reelaborados para a realidade territorial de cada local, como no caso dos povos originários da América Latina, em que as diversas trajetórias precisam ser recontadas na lógica dos oprimidos e não somente dentro de uma concepção de espaço universalizante e eurocêntrica. Haesbaert

(2021, p. 59), destaca que: “aqui, não só o espaço, mas, sobretudo, o território importa – território em um sentido mais concreto, prático e também, muitas vezes, moldado “de baixo para cima”, a partir das resistências dos grupos subalternos”. Nesse sentido a ciência geográfica abre possibilidades para outras construções e (re)leituras das realidades envolvidas nas lógicas de dominação e resistência, as quais muitas vezes atravessam a realidade social dos alunos.

Portanto, a proposta deste projeto justifica-se na medida em que busca valorizar as realidades locais dos alunos dos cursos integrados na disciplina de Geografia I e II, na medida em que foi evidenciado como problema de pesquisa, em anos anteriores (2021 e 2022) no projeto de ensino: “Leitura do espaço geográfico do município do Rio Grande/RS a partir das experiências singulares dos alunos”, que os alunos das camadas populares não conseguiam se manter na instituição. Tivemos evasão de alunos vinculados aos segmentos da pesca artesanal, dos núcleos periféricos e filhos de pequenos produtores rurais, os quais foram identificados devido a produção das narrativas e explanação dos seus contextos de vida naquela abordagem de proposta do projeto. Com a valorização desses segmentos espera-se criar vínculos de análise dos seus contextos sociais, aproximar suas realidades singulares de pertencimento e englobar essas narrativas com o contexto teórico, tornando suporte para a pesquisa e aprendizagem do ensino de Geografia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para essa análise utilizou o entrecruzamento de diferentes procedimentos, os quais vão desde a compreensão dos conceitos basilares da disciplina durante as aulas de Geografia, a proposição de trabalho aos alunos com a mediação dos conceitos à realidade no qual estão inseridos e a opção dos alunos realizarem entrevistas semiestruturadas com familiares/avós, com a finalidade de entender a temporalidade sucessiva do espaço em diferentes períodos. No que compete à revisão bibliográfica foram utilizadas matrizes teóricas da ciência geográfica com a finalidade de construir as bases de análise para interpretar a realidade do município do Rio Grande. Foram utilizados os conceitos de espaço geográfico (Santos, 1997; 2008); paisagem (Carlos, 1994; 2011); território (Souza, 1996; Haesbaert, 2021); região (Gomes, 1996) e lugar (Santos, 1997; Massey, 2008).

A escolha de trabalhar com narrativas orais se deve ao fato de que elas são narrativas dos entrevistados. A partir dessas narrativas, conseguimos entender as vivências atreladas aos contextos comunitários de muitas pessoas. As relações cotidianas no início da urbanização e

industrialização do município do Rio Grande/RS são contextos fundamentais para compreender as transformações sociais e econômicas do passado e do presente.

Neste contexto, optamos por trabalhar com as avós pois elas são guardiãs da história familiar e também da realidade local. A escolha se justifica pela riqueza de suas memórias e pela profundidade com que podem abordar as mudanças vividas ao longo do tempo. O vínculo entre avó e neto cria uma relação de realidades diferentes entre as memórias e a atualidade do município, pois permite uma compreensão mais abrangente das transformações econômicas e socioculturais. Além disso, este vínculo também estabelece um espaço seguro e acolhedor para a troca de experiências, o que permite aprofundar nos dados coletados.

Portanto, o procedimento utilizado para a construção deste trabalho foi a realização de uma entrevista com a avó do estudante. A entrevista foi semiestruturada, a qual ofereceu uma breve noção do que seria perguntado, mas sem seguir um roteiro preestabelecido. A entrevista foi realizada em um ambiente familiar, na sala de estar, com o estudante sentado no sofá e a avó ao lado, na poltrona, enquanto assistia televisão.

Durante a entrevista, foram levantadas pautas sobre o passado da avó em relação às suas vivências na infância, seus vínculos familiares, suas relações estabelecidas no trabalho e realidade socioeconômica. Alguns questionamentos abordaram o tema no âmbito geral, como por exemplo: “Fale sobre a sua família, o ambiente em que você viveu na infância, sua relação com seus pais, avós e ou irmãos e como era sua casa.”. A partir disso, foi realizada uma seleção nos aspectos que seriam relacionados com o contexto geográfico do município.

O período compreendido entre 1985, quando a avó tinha 26 anos, até 1990, quando deixou de trabalhar na fábrica Rheingantz, serviu como suporte de material investigativo, o qual foi fundamental para a construção deste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta deste trabalho busca dar vida à construção do espaço geográfico trazendo para essa abordagem como constituinte principal a realidade social no qual os alunos estão inseridos. Dessa forma, as narrativas tecem relações permanentes entre o passado e o presente, o qual envolve a questão geracional entre as avós entrevistadas e as vivências sociais dos alunos, com a finalidade de tornar os conteúdos significativos e valorizar os sujeitos sociais que participaram/participam na formação territorial do município.

Entender a sucessão ou soma dos sistemas de objetos e ações, as temporalidades e modificações nos processos e funções que ocorrem nessas formas é tarefa fundamental da

disciplina na busca por entender o espaço social, como espaço de atuação em que todas as vozes/sujeitos sociais, agentes produtores do espaço possuem contribuições importantes para construir essa análise. Para dar conta dessa espacialidade trabalhamos durante as aulas com os conceitos geográficos de espaço, paisagem, território, região e lugar, com a finalidade de construir subsídios teóricos para a interpretação da realidade circundante. De acordo com Santos (1997), para compreender a indissociabilidade dos sistemas de objetos e ações que compõem o espaço geográfico é necessário recuperar a lógica da história passada, sua temporalidade e analisá-la na lógica da atualidade, através da sua significação no presente. Nesse sentido, as lógicas do passado estão relacionadas às vivências nos diversos espaços de atuação das avós dos alunos, reincorporadas ao momento presente através do olhar dos alunos, seus netos.

“OS SONHOS, AS LUTAS E AS CONQUISTAS DE MUITAS FAMÍLIAS, INCLUINDO A MINHA”

Dessa forma, buscamos entender essas diversas dinâmicas a partir da realidade analítica dos nossos alunos. Um exemplo dessas transformações, tanto materiais quanto nas relações de produção, envolve o trabalho de uma avó de um aluno na empresa de tecelagem Rheingantz⁵. Podemos entender a dinâmica dessas relações de trabalho vinculadas ao passado a partir do relato abaixo:

Minha avó, mulher de 64 anos, sempre foi uma figura enigmática para mim. Cresci ouvindo histórias sobre sua determinação e força de vontade, mas nunca havia realmente compreendido o significado por trás dessas narrativas até o dia em que decidi entrevistá-la para agregar no projeto Geo(grafias) do vivido: práticas de ensino e trajetórias singulares dos alunos do IFRS/Câmpus Rio Grande. Aos 63 anos, ela ainda irradiava uma energia contagiante, e quando me sentei com ela para conversar, pude ver o brilho em seus olhos ao relembrar os dias em que trabalhava na indústria Rheingantz, um dos pilares do município do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Minha avó começou a trabalhar na indústria Rheingantz em 1985, quando tinha 26 anos. Ela me contou, com brilho em seus olhos ao relembrar os dias em que trabalhava lá, como era sua rotina na tecelagem, onde desempenhava diversas funções, desde carregar peças até transferi-las para as lojas da Rheingantz. Era uma época em que a fábrica empregava uma grande diversidade de trabalhadores, tinham homens e mulheres desempenhando diversas funções (Trabalho realizado por um aluno do

⁵ Segundo Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (2013, p. 72): A Fábrica Rheingantz foi oficialmente inaugurada pelo empreendedor de origem renana Carlos Guilherme Rheingantz em sociedade com o sogro, Miguel Tito de Sá, e com o empresário alemão Hermann Vater, no prédio que ocupa, na Avenida Rheingantz nº 210, no ano de 1873, sob o nome de Fábrica Nacional de Tecidos e Panos de Rheingantz & Vater, em forma de sociedade comanditária. A fábrica entrou em operação efetiva no ano seguinte e trabalhou prioritariamente com o processamento da lã, cuja procedência era das propriedades rurais nas regiões de Bagé, Livramento, Uruguaiana e Santa Vitória do Palmar, no sul do Rio Grande do Sul.

A partir do relato do aluno é possível compreender que a empresa Rheingantz, fundada em 1873 e decretada falência em 1968 (mantendo-se com o nome de Inca Têxtil até o final da década de 1980⁶, possuía o trabalho de tecelagem realizado manualmente pelas mulheres, assim como o manuseio de peças e a transferência da produção para outros setores. As jornadas de trabalho eram exaustivas: “Ao longo da entrevista, minha avó também destacou o apoio que recebia de sua mãe e irmãs para enfrentar os desafios diários. O trabalho na Rheingantz exigia muito dela, com jornadas exaustivas que começavam às cinco da manhã e iam até às seis da tarde [...]”. Além disso, a empresa, fundada por descendentes alemães, possuía os cargos de chefia e técnicos distribuídos levando em consideração a nacionalidade estrangeira e privilegiando o gênero masculino.

O período em que a empresa fechou as portas também é enfatizado, revelando como foi este momento para quem trabalhava lá: “Mas o que mais me impressionou na narrativa dela, foi o motivo de sua saída da indústria. Em 1990, a fábrica estava prestes a falir, e sua chefe a demitiu não por incompetência, mas para garantir que ela continuasse tendo seus direitos [...]”. Santos (1997), reitera que através do entendimento das etapas de trabalho e das relações sociais é possível compreender as transformações verificadas em qualquer período histórico no espaço geográfico.

A reincorporação das marcas impressas do passado é refletida no contexto presente pelo olhar do neto/aluno. Na sua visão, no local em que havia movimento da vida, relações sociais de produção, o percurso cotidiano de sua avó, na década de 80, para garantir a subsistência do grupo familiar, deu lugar somente ao trabalho morto, ou seja, passado objetivado. As antigas funções deixam de existir e fica somente a materialidade como constituinte da paisagem urbana. Nesse sentido, o aluno remonta a temporalidade, transita no espaço/tempo e recria uma espacialidade remota cercada pelas vivências e memórias para interpretar a realidade atual, como podemos analisar no relato abaixo:

Desde sempre fui muito questionador, e em relação à Rheingantz, não foi diferente. Desde pequeno, sempre que passava pelo prédio, que na época estava completamente abandonado, sucateado, esvaziado e desabitado, perguntava aos meus pais sobre o funcionamento daquele lugar antigamente, a função de todo aquele espaço, e por que ele estava naquela condição e não era mais habitado [...]. Quando ingressei no Instituto

⁶ Ferreira (2013, p. 75).

Federal e participei de projetos que estudam a ciência geográfica, descobri um grande interesse em estudar mais sobre a história do município, sua territorialidade, historicidade e os trabalhadores [...]. Compreender o papel da minha avó na Rheingantz me fez perceber a profunda conexão entre a história pessoal e a história local. A fábrica, que antes eu via apenas como um local em ruínas, tornou-se um elo com o passado vibrante da cidade e com as vidas das pessoas que contribuíram para seu desenvolvimento. Ela representava não só o progresso industrial, mas também os sonhos, as lutas e as conquistas de muitas famílias, incluindo a minha [...]. Atualmente, enxergo a Rheingantz de uma forma muito mais significativa e bonita do que antigamente. Reconheço sua importância histórica e cultural, não apenas como uma estrutura física, mas como um testemunho do legado de minha avó e de tantos outros que fizeram parte de sua história (Trabalho realizado por um aluno do ensino médio integrado do terceiro ano do curso técnico em Refrigeração e Climatização em 28/06/2022).

Através da realização do trabalho, é possível perceber que o aluno aprimora seu entendimento sobre as formas materiais do passado e humaniza o espaço ao avançar na análise sobre as relações sociais de produção vinculadas às memórias familiares. Santos (1997) reitera que a paisagem são as formas que traduzem as heranças do passado e o espaço é dotado pela vida, ou seja, resulta da interação humana nestas formas. O aluno avança na análise espacial no presente quando enfatiza que: “Hoje, vejo a Rheingantz, já mais reestruturada e como um patrimônio cultural, onde atualmente o espaço é utilizado inclusive como um museu. As pessoas podem visitar e conhecer o passado daquele local e dos trabalhadores”. Dessa forma, as dinâmicas sociais e a funcionalidade foram modificadas ao longo do tempo, mas mantém as heranças na paisagem histórica e na memória individual e coletiva dos sujeitos que constituem o espaço social. A Geografia, nesse sentido, cumpre seu papel dando sentido à interpretação da sua categoria principal mediada pela temporalidade, realidade local e afetiva do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a proposta aqui apresentada busca compreender as múltiplas (geo)grafias que permeiam a sala de aula, por meio da valorização das experiências individuais e familiares dos alunos. A abordagem de interpretação faz intersecções diversas com a esfera social, histórica, econômica e cultural por meio das relações de trabalho tecidas no passado, tendo a ciência geográfica como aporte para interpretar o espaço em suas múltiplas facetas. A ênfase da análise busca o reconhecimento e valorização do outro, na construção de cidadãos éticos e que estejam aptos à intervenção crítica no espaço em que habitam.

Nesse sentido, a proposta aqui apresentada avança na compreensão do espaço geográfico por meio de práticas desenvolvidas em sala de aula, as quais colocam os alunos como protagonistas do processo de aprendizagem. O passado é reconstruído por meio das

atividades relacionadas ao trabalho da avó, as quais são ressignificadas no presente pelo olhar do neto/aluno como memória, mas também como paisagem transformada. Além disso, a proposta buscou dar visibilidade às mulheres como protagonistas e guardiãs das memórias, em um momento em que o patriarcado ditava as regras, com a distinção entre os cargos e relações no trabalho distintas, marcando o trabalho manual das mulheres.

Nessa perspectiva, espera-se que os alunos provenientes dos diversos grupos sociais, sintam-se valorizados, mantendo êxito nas aprendizagens, por meio da compreensão geográfica tendo como significante a sua própria realidade. Com isso, espera-se a permanente troca de saberes entre os alunos, a comunidade local e a comunidade interna, por meio da construção das narrativas, oficinas e grupos de estudos, desenvolvidas no âmbito do ensino e pesquisa em Geografia.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri *et. al.* **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**, São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Paisagem Urbana**. In: A (re) produção do espaço urbano. São Paulo: EDUSP, 1994.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. *Os fios da memória: fábrica Rheingantz entre passado, presente e patrimônio*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 69-98, jan./jun. 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *O conceito de região e sua discussão*. In: CORRÊA, R.L.; CASTRO, I.; GOMES, P.C.C. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina**. Programa de Pós-graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. 5a ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A força do lugar. In: SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CORRÊA, R.L; CASTRO, I.; GOMES, P.C.C. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.